

turo.

Quais têm sido as maiores apostas da empresa?

PA - Nos últimos anos o foco da empresa tem sido recuperar o património existente e modernizá-lo principalmente com vista a acompanhar as exigências dos novos fluxos turísticos para a ilha. Mas, ao mesmo tempo temos sempre o maior cuidado em manter as tradições e os métodos típicos do cultivo do ananás de São Miguel, o chamado método de produção tradicional. Consideramo-nos um museu vivo desta cultura icónica da ilha de São Miguel. Temos também feito uma grande aposta nos nossos produtos transformados do ananás, em particular o nosso famoso Licor de Ananás que é produzido artesanalmente de uma receita de família, bem como em subprodutos de linha "gourmet" e inovadores.

Há novos projectos para levar a cabo seja a curto, médio ou longo prazo?

PA - Há alguns projectos, nomeadamente na criação de novas áreas de visita para os turistas, alguns serão conhecidos muito brevemente.

A empresa começou com quantos colaboradores? Um número que, certamente, foi aumentando ao longo dos anos. Hoje contam com quantos colaboradores?

PA - A situação ao nível de colaboradores foi mudando muito ao longo dos anos, mas orgulhamo-nos de na maior parte dos casos sempre termos tido uma relação franca e de grande proximidade com os nossos colaboradores. Alguns fizeram mesmo a sua vida com a empresa, outros viram-nos crescer. Hoje são cerca de 12 os colaboradores da empresa, nas diferentes áreas de laboração desde a parte agrícola, à transformação e na loja. Procuramos associar os trabalhadores ao sucesso da empresa e lutamos contra a precariedade.

Na Era actual quais os maiores desafios que a empresa enfrenta?

PA - O maior desafio de qualquer pequena média empresa em Portugal é sem sombra de dúvida a carga fiscal e a burocracia do estado. Depois há as incertezas dos fluxos turísticos e a dificuldade que a região ainda tem em sedimentar mercados.

Desde sempre que viram no turismo uma boa aposta. Continuam a ter este



foco?

PA - Desde o início que estamos no turismo. Fomos pioneiros nessa área e continuamos a acreditar que o desenvolvimento económico futuro dos Açores tem no turismo um elemento fundamental. A sustentabilidade futura do turismo passa necessariamente por valorizarmos a nossa identidade e aquilo que os Açores tem de diferenciador face aos mercados concorrentes. Temos tido com o Governo Regional uma colaboração franca e leal e queremos continuar a desenvolver as formas de parceria turística mais adequadas.

Quantos ananases a vossa empresa produz por ano?

PA - Atendendo à natureza demonstrativa das nossas estufas, a produção de ananases pode variar muito de ano para ano. O que nos interessa é poder mostrar aos que nos visitam as diferentes fases da cultura do ananás, a compatibilização cultural tradicional com as preocupações de cultura biológica e, ao mesmo tempo, abrimos novas janelas de oportunidade empresarial voltadas para o futuro.

É uma área de negócio sensível?

PA - Apesar de ser uma cultura em estufas, como costumamos dizer não deixa de ser agricultura e a agricultura é sempre sensível ao nível do clima, do sol, da chuva, dos solos, etc. No caso da cultura do ana-

nás o desafio da mão-de-obra qualificada também é muito complexo hoje em dia. Apesar de ser uma actividade bem paga, não é valorizada do ponto de vista social, como já foi antigamente. Acredito que pode e deve voltar a sê-lo.

Da sua parte, é uma grande responsabilidade para si perpetuar e manter este negócio familiar?

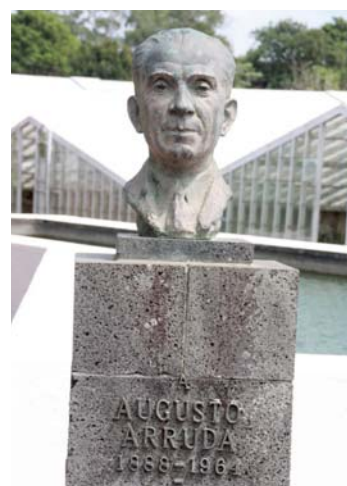
PA - Para mim, mais do que uma responsabilidade ou um desafio é uma parte daquilo que sou. Teria muita dificuldade em entender-me a mim próprio se não tivesse esta ligação com este património e com esta história pessoal, familiar e com a ilha.

Acabaram de receber o Prémio Mercúrio. O que esta atribuição representa para a vossa empresa?

PA - Foi uma surpresa, pela nomeação, e um orgulho pelo prémio. É muito gratificante ver o nosso trabalho valorizado por quem está também na área económica e sente as mesmas dificuldades e desafios que nós. Ser um prémio atribuído pela Confederação do Comércio de Portugal com tantas outras empresas de renome nomeadas foi para nós uma grande satisfação.

O que ainda se pode esperar da vossa empresa?

PA - Trabalho, criatividade, alguma



teimosia sem dúvida. Mas, principalmente, um compromisso com aquilo que é hoje uma marca e um nome reconhecidos internacionalmente. Eu costumo dizer, em tom de brincadeira, que há cinco coisas em São Miguel que todos os turistas querem ver: as três lagoas o chá Gorreana e a Plantação de Ananases Augusto Arruda, pela nossa parte vamos continuar a trabalhar para que continue a ser assim.

oliveriasantos@diariodosacores.pt

